

Sermão sobre Jó 3.11-19*

João Calvino †

ESTE SERMÃO CONTÉM AINDA A EXPOSIÇÃO DO VERSÍCULO DEZ E TAMBÉM DOS VERSÍCULOS A SEGUIR:

Por que não morri desde a madre? Por que não pereci ao deixar as entranhas? Por que os joelhos me receberam? Ou por que os peitos me deram de mamar? Pois agora eu jazeria e descansaria; então dormiria e assim teria estado em repouso, juntamente com os reis e conselheiros da terra, os quais edificaram para si lugares desolados; ou com os nobres que possuíram ouro, os quais encheram de prata as suas casas: ou qual aborto encoberto eu não teria existido, qual infantes que jamais viram a luz. Lá os iníquos cessam de perturbar, e lá descansam os exaustos. Lá os prisioneiros juntos repousam: não ouvem a voz do carrasco. O pequeno e o grande lá estão, e o servo está livre do seu amo.

Declaramos até aqui que, quando ficarmos pesarosos e tristes, a só lembrança dos benefícios de Deus nos deve alegrar ou, pelo menos, abrandar nossos males e dores. Assim, se alguma adversidade me pressionar, ao trazer à memória que Deus me fez tantos bens, isso deve atenuar a tristeza. Em vista disso, nenhuma aflição nos deve fazer olvidar o conhecimento que temos dos benefícios e graças de Deus; entretanto, é o que acontece. Vemos o exemplo disso em Jó, o verdadeiro paradigma de paciência, pois ele devia reconhecer, sejam quais fossem as misérias que suportasse, que ainda era uma grande felicidade ter sido posto neste mundo como criatura racional, ter trazido a imagem de Deus, ter sido nutrido e sustentado até a idade adulta, para que soubesse que Deus é seu pai. Esses são bens inestimáveis; sem embargo Jó, mui longe de os aceitar, queria que nunca os houvesse provado. Percebemos então como as tentações nos atribulam e que, em vez de extrairmos dos benefícios divinos algum regozijo ou alívio para as nossas dores, tornamos os mesmos em amargura, querendo que Deus jamais nos houvesse feito bem algum, que jamais houvéssemos conhecido a ele. Não que Jó concordasse totalmente com isso, mas lhe escapam palavras irrefletidas, e tal se dá pela violência do mal que ele agüenta. Isso, pois, não é para que consintamos de todo com palavras más, mas devemos nos refrear de tal modo que, se tais imaginações nos vierem à cabeça, rechacemo-las para longe. Ora, que havia aqui uma grande, perversa e condenável fraqueza é bastante certo. Porque vemos o exemplo que nos é mostrado no Salmo 22.1 na pessoa de Davi e em especial na de nosso Senhor Jesus Cristo. Ali Davi está como um homem desprovido de amparo, ao qual Deus se revela contrário, de tal forma que lhe parece que está inteiramente rejeitado e, conseqüentemente, ele exclama (Mt 27.46): “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” E isso é dito na pessoa de Jesus Cristo enquanto chefe de todos os fiéis. Mas, depois de haver se lamentado desse jeito, ele adiciona (Sl 22.10): “Senhor, tu me tiraste do ventre materno, tu me recolheste da madre, tu te revelaste meu Deus antes que eu te pudesse conhecer e invocar”. Davi apresenta isso a Deus para render graças e cantar o nome desse em meio às tristezas; depois, firma-se em boa esperança do tempo vindouro, sem duvidar de que Deus ainda

* Trecho retirado e traduzido do original francês *Sermons sur le Livre de Iob*, do mesmo autor, com consultas à versão inglesa. (N. do T.)

† Um dos principais nomes da Reforma Protestante, João Calvino (1509-1564) nasceu em Noyon (França). Tendo em comum com o alemão Martinho Lutero o fato de também ter sido seminarista na juventude, deu prosseguimento à obra desse, ensinando a doutrina e a aplicação da justificação pela fé somente em Cristo, como revelada nas Escrituras Sagradas, empenhando-se em aplicar o ensino bíblico a todas as áreas da vida; não obstante, o sistema teológico chamado calvinismo é mais estruturado que o luteranismo. Calvino estabeleceu-se em Genebra (Suíça), já que na França do rei Francisco I não eram tolerados não-católicos. A igreja que ele pastoreava ali veio a se tornar um centro da Reforma, a ponto de John Knox dizer que ela foi “a mais perfeita escola de Cristo desde os dias dos apóstolos”. Os Sermões sobre Jó, os Comentários da Bíblia e as Institutas constituem o grande monumento do seu pensamento teológico. (N. do T.)

o vê com compaixão, posto que esse se demonstrou tão benigno e compassivo para com ele. Eis uma doutrina comum a todos: qual seja, que, quando estivermos premidos pelas desgraças, não mais as podendo aturar, mesmo que pareça algo frustrante e labuta perdida reclamar a Deus, temos que saber que ele nos criou e nos colocou neste mundo, que imprimiu em nós a sua imagem, que nos deu muitos sinais de que nos tem por seus filhos. Tal nos deve fazer alçar ao alto nossos espíritos, para lhe dar o louvor de que é digno; então, isso nos deve servir de estímulo para nos fazer esperar nele, não duvidando, embora não se revele aquele que sentíamos outrora. É fato que melhor seria a um homem que nunca houvesse nascido quando fica totalmente abandonado ao mal, como diz nosso Senhor: “Infeliz daquele por quem o escândalo vem: ser-lhe-ia melhor que jamais houvesse crido” (Mt 18.7). Sim, mas quando se trata de sofrer algumas calamidades e aborrecimentos, isso não nos deve contrariar de tal maneira que nos esqueçamos da graça que nos revelou quando lhe aprovou nos fazer fruir da luz deste mundo; sim, nesta condição de sermos seus filhos, visto que gravou em nós sua imagem. Houve, pois, ingratidão em Jó: entretanto, notemos que ele não falou como quem consentisse com tais palavras. Ele estava agitado, de sorte que isso lhe escapou da boca; não obstante, guardava em seu coração que Deus lhe havia feito tantos benefícios que era bem razoável reconhecê-los. E através disso somos ensinados que, conquanto Deus nos fortaleça mediante seu Espírito Santo, para que tenhamos alguma paciência e virtude para resistir aos infortúnios, haverá alguma fragilidade misturada no meio, de modo que a dor nos arrebatará e teremos como que uma tempestade dentro de nós, tão impetuosa que não a poderemos moderar de jeito algum, como seria bem necessário. E por isso somos advertidos a andar em temor e a estar continuamente de guarda, rogando a Deus para que nos desafogue e dê adjutório para semelhante deficiência que ele sabe existir em nós. De resto, se alguma vez formos assim pressionados a ponto de ultrapassar os limites e fazer tais queixas, oremos a Deus para que nos arme para chegarmos ao fim de tal combate. Mas, seja como for, pratiquemos a doutrina de que eu já falei: isto é, colocar antes os benefícios de Deus que recebemos no passado, a fim de que isso nos console, a fim de que a angústia não domine a ponto de nos subverter de todo. Porém, experimentemos algo da bondade de Deus, esperando ainda misericórdia da parte dele, mesmo que não tenhamos nenhum vislumbre dela e que aparente que estamos inteiramente excluídos dela. Eis ao que temos que atentar nessa passagem.

No entanto, vemos que, assim que os homens se corrompem um mínimo que seja, isso não se finda. Já era demais haver dito: *Por que o ventre que me trouxe não se fechou? Por que vim a este mundo?* Contudo, ele ainda acrescenta: *Por que os joelhos me receberam? Por que mamei na teta?* Nisso vemos que Jó não refletia da maneira proveitosa sobre os benefícios de Deus, embora os houvesse experimentado em grande quantidade; antes, rejeita-os totalmente. E isso é um mal início: devemos olhar bem para nós mesmos e, tão logo nosso Senhor nos fizer conhecer algum bem que recebemos de sua mão, que sejamos tocados para não sermos tão maus e perversos a ponto de converter o bem em mal. Porque, uma vez que começamos a nos esquecer das graças divinas, ou torná-las o oposto do que devem ser, decerto que esse mal e essa falta seguir-nos-ão até o fim, como o vemos no exemplo de Jó. Quando Deus abre o ventre de nossa mãe para nos fazer vir ao mundo, dá-nos também mulheres que nos acolhem, o que é bastante necessário, como vemos, já que a pobre criatura humana sai em precisão maior do que qualquer outra. Feito isso, ele prepara o alimento pelo qual somos sustentados, ele converte o sangue da mulher em leite, para que dele possamos tirar sustância. Deus então assim nos provê, numa época em que não temos nem conhecimento nem razão, em que estamos em tal perigo de morte que não nos podemos ajudar e sequer pedir socorro: mas ele chega primeiro, antecipando-se. Essas são graças de diversas espécies. Porém, vemos que Jó as coloca aqui em um molho e se agasta com elas todas. Por meio disso somos admoestados a, assim que Deus nos mostra algum benefício recebido dele, sermos movidos a sentir sua bondade paternal, a fim de lhe agradecer. E, depois de havermos começado, temos que continuar. Pois, como diz o provérbio – “o pôr no forno é que faz o pão ficar disforme” –; e, uma vez que os homens se pervertem, não sabem mais guardar medida alguma. E, se isso adveio a Jó, o qual era dotado de uma tão singular constância, o que será de nós, que não somos mais do que folhas, tais que não é preciso mais do que um ventinho para nos derrubar? Saibamos então da necessidade que temos de

recorrer a nosso Deus para que ele nos estenda sua forte mão.

Mas, ao falar assim, Jó adiciona algo ainda pior: isto é, *que, se estivesse morto, teria repouso*. Por quê? Porque, diz ele, a morte termina tudo, de modo que não há mais *rico nem pobre, não há servo nem mestre: aqueles que atribularam o mundo estão quietos ali, e os que foram atormentados também têm igual descanso. Eu jazerei e dormirei, eu não mais terei preocupações nem apreensão do mal*. À primeira vista, parece que Jó fala aqui como um pagão que não tem esperança alguma da vida futura e da ressurreição, embora aquela jamais tivesse sido apagada de seu coração. Contudo, por vezes as paixões em nós são tão grandes e veementes que a semente divina fica como amortecida e toda a luz da religião que devemos ter fica turvada, e toda a noção dessa é lançada para debaixo do pé, não mais tendo nenhum vigor. Isso é mui digno de nota, mas há necessidade de ser declarado em maiores minúcias para ficar bem entendido. Percebemos como as presentes aflições nos cegam: se estamos no verão e temos calor (pois temos que pegar esses exemplos familiares), parece-nos o mal mais irritante que sofremos. Vede um homem sobrecarregado que desfalece e não mais é capaz de suportá-lo, querendo ter o gelo que fende as pedras, a ele parecendo que ficaria refrescado e mais à vontade. Porém, se estamos no inverno, não nos custaria nada sofrer o calor, segundo a nossa impressão. Eis como as paixões presentes nos arrebatam, e isso sucede a todos: todavia, uns são mais tenros e delicados para sofrer algum mal do que outros. Por isso, segundo a natureza e constituição de cada um, ele se atormenta com o mal que atura e se aborrece em extremo. Ao virmos tais experiências, saibamos que os homens são levados por suas paixões, de tal modo que não pensam em nada que não no que os contraria e aflige. Ora, isso se via em Jó: visto que ele é de tal maneira premido por seu mal que não mais olha ao que lhe deve suceder após a morte, ele não pensa na vida futura. Digo que Jó, ao falar assim, ao ar, não pensa nisso. É verdade que ele tinha o conhecimento e convicção disso impressos em seu coração, mas esses jazem como um fogo encoberto, que está como que abafado pelas cinzas. E não achemos estranho que as paixões más e pecaminosas nos façam ter tal esquecimento das coisas que são de nosso conhecimento e que temos por certas. Pois vemos que o bom zelo era possuído tanto por Moisés quanto por São Paulo. Quando o primeiro pede a Deus que seu nome seja apagado do livro da vida (Ex 32.32) para que o povo fosse salvo, essa é uma afeição boa e santa, aprovada por Deus; mesmo assim, há algo nela a se opor. Moisés imagina que Deus possa exterminar seus eleitos? Deus é mutável em seu conselho? Ele sabia bem que era escolhido de Deus e filho adotado por esse. Então, como deseja ter seu nome apagado do livro da vida, ou seja, não ser reconhecido no número dos que devem obter a vida eterna? Ele pede isso à Deus por fingimento? Não: é apenas o seu zelo que o arrebatava, zelo que é tão ardente nele que nada que não a salvação do povo é mencionada. Quando ouviu esta sentença de condenação – que Deus destruiria todos os filhos de Abraão –, o que significa isso? Se essa linhagem que Deus escolheu para si fosse exterminada daquele jeito, a aliança divina necessariamente seria abolida também. Então Moisés diz: “Senhor, que eu seja riscado de teu livro, e que todo o teu povo aqui não pereça”. Ele então estava apertado por uma angústia tal que se esquece de tudo, não refletindo que forçosamente os que Deus elegeu devem ser conservados até o fim. Isso lhe escapou por um pequeno momento: esta é a razão de ele pedir que fosse tirado do livro da vida. O mesmo se dá com São Paulo, que diz: “Eu quereria ser amaldiçoado pelos meus irmãos” (Rm 9.3). Mas como? São Paulo conhecia ser ele próprio um membro de nosso Senhor Jesus Cristo, sabendo que era instrumento eleito para o glorificar: desejava ele reverter essa graça? Desejava ele romper o curso do conselho de Deus, sabendo bem que esse não pode variar? Nada disso, como ele declara logo em seguida. Havia, pois, contradição nele: sim, mas não houve nenhuma inconveniência. Porque, como eu disse, seu zelo bom e santo o impele e o inflama, de sorte que desconsidera a sua salvação no presente, desejando que Deus cumprisse sua promessa na linhagem de Abraão, a fim de que o nome divino não fosse blasfemado.

Percebemos agora pelos exemplos que as boas afeições algumas vezes exorbitam nos filhos de Deus, e que elas lhes fazem olvidar do que conhecem e que lhes é de todo certo. Sendo assim, não devemos achar novidade o fato de Jó, estando tão fortemente oprimido, falar aqui como parvo, de modo a fazer com que todos sejam semelhantes e iguais depois da morte, parecendo, pelo que

diz, que os homens perecem e que não há uma segunda vida. Não é que isso estivesse bem concebido em seu ânimo e gravado em seu coração, mas ele fala como um homem tomado por transe, porque a dor o cegava de tal maneira que ele não estava em si, ele era como um mar agitado, no qual as vagas dão umas contra as outras. Vede então um belo espelho para conhecermos que nossas paixões são cegas, porquanto não seguem a razão para que saibam as coisas que devem ser as mais certas e firmes do mundo. Pois o que será de nós se não soubermos que fomos criados para uma vida melhor? Seria melhor que fôssemos asnos ou bois, posto que as bestas inconscientes desfrutam a vida presente, comendo, descansando, trabalhando sem grande apreensão. Os homens, porém, não comem um pedaço de pão sem ansiedade, em meio a seus prazeres têm vários remorsos, e não precisam de mal de outra parte, pois cada um é o seu próprio carrasco. Então, se não tivermos a esperança de vida futura, o que será de nós? Com efeito, nosso Senhor quis que isso ficasse gravado nos corações de todos, tal como vemos nos pagãos. Embora se tenham tornado embrutecidos, ainda retiveram algum conhecimento da vida d'além, bem como da imortalidade da alma. E, quanto àqueles que desconhecem isso, Deus deixou alguma marca pela qual eles ficam inescusáveis, até nos sepulcros que fizeram para enterrar seus mortos. Isso é um testemunho da ressurreição. Contudo, vede aqui que Jó não conhecia nada disso. Que diremos nós então, senão o que eu já demonstrei, a saber, que, quando damos rédeas às nossas paixões, elas nos furam os olhos, ou então se tornam vendas tão grossas que ficamos totalmente sem juízo firme para moderar nossas palavras? Eis em que temos que pensar.

Mas, por outro lado, reparemos na graça que foi operada para com Jó, em que ele não consentiu por inteiro com essas tão extravagantes palavras (pois isso seria blasfemar a Deus), mas somente deixou escapar uma afirmação efêmera. Se alguém lhe tivesse imediatamente perguntado: “O que dizes tu? Não há distinção alguma entre os bons e os maus? A morte põe fim a tudo? Tu falas aqui como um incrédulo que nunca conheceu a respeito de Deus e da religião, pois ele nos ensina que, depois da morte, há uma vida melhor que esta aqui e uma herança perpétua que ele preparou para os seus e para os que eleger. Quanto aos réprobos, esses desconhecem seu juiz, pois se enganaram sobre ele ao longo de suas vidas”; se Jó houvesse sido interrogado desse modo, ele teria confessado tais coisas, sim, e confessado com sinceridade. Entretanto, não deixa de se iludir nessas coisas. E também vemos que conhecer não é tudo, mas temos que perseverar nesse conhecimento, para resistir às tentações quando por elas formos assaltados. Porque, se houvermos lido as Sagradas Escrituras, se houvermos estado durante os sermões e houvermos sido ensinados no que é necessário para a salvação de um homem e, não obstante, sermos negligentes, não inclinando mais as nossas mentes para meditar no que ouvimos antes, é como se um homem estivesse bem equipado, tendo corselete, elmo, espada e escudo, com tudo isso pendurado nele mas deixasse que suas armas enferrujassem, que a espada pregasse na bainha, quando o tempo em que se precisar delas chegar. Ele bem dirá: “Minhas armas estão todas prontas”. Mas isso lhe ajudará no futuro? Vede suas armas inúteis, pois que as deixou enferrujar; além disso, não saberá manejar espada nem escudo quando carecer disso. O mesmo se dá conosco: podemos ter conhecido bastante o que é bom e adequado para a nossa salvação mas, apesar de cuidarmos sermos gente adestrada, não sabemos como se deve aplicar isso tudo para o nosso uso. Sem embargo, tal conhecimento estará como que enferrujado e não virá à lembrança quando desejado e quando dele tivermos necessidade. Esta, então, é uma boa lição para nós: que não basta termos conhecido o que Deus antes nos revelou para nosso proveito, mas temos que o exercitar incessantemente, a memória disso nos deve estar fresca, para que saibamos qual é a verdadeira utilidade das Sagradas Escrituras. Ora, se sucedeu a Jó o que está dito aqui, o qual, não obstante, meditava cuidadosamente na palavra de Deus (não estou dizendo na palavra escrita, mas na que Deus lhe havia dado por inspiração), se ele, digo eu, quando veio a precisar, não se encontrava senão enfraquecido, ai! o que será de nós, que somos muito mais fracos do que ele! Assim, oremos ao bom Deus para que, se alguma vez, para nos humilhar, ele permitir que nossa fraqueza domine demasiadamente e não tenhamos virtude tal a ponto de rechaçar os assaltos de Satanás como o necessário, todavia, que isso seja apagado de seu registro, e não seja levado em conta. Vede como temos que agir. Mas, se quisermos ser absolvidos por Deus, devemos condenar primeiramente os vícios que percebemos em nós. Ademais,

observemos que, quanto ao estado da vida futura, as Escrituras só mostram o que é oportuno de se conhecer: isto é, que é fato que, quando os homens chegam ao fim de sua carreira, Deus os tira daqui debaixo, dado que esta vida presente é comparada a uma corrida ou a uma liça. Então, completamos nossa carreira e nossa viagem com a morte. No entanto, ou estaremos em dor, ou estaremos em um feliz gozo depois de nossas almas forem separadas de nossos corpos. Isso é o que temos que reter.

Quanto às dores da vida presente, como a preocupação com o beber e o comer, de nos mantermos vestidos, de nos guardamos de danos, sejam oriundos de homens, sejam oriundos de bestas, tudo isso acaba: entretanto, é dito que os filhos de Deus são recolhidos para o gozo. É verdade que ainda não temos essa coroa que nos está prometida e preparada para nós: já que todo o corpo de Cristo deve ficar completo e perfeito juntamente. Eis por que é dito (Cl 3.3) que nossa vida está ocultada em Jesus Cristo até a sua aparição. Não obstante, os fiéis que já são partícipes desse gozo, estando no seio de Abraão, sabem que Deus é o Pai deles, e que não é de balde que nele esperam. Devemos observar especialmente o que São Paulo diz, que, enquanto estivermos encerrados dentro desses corpos mortais, caminhamos em esperança, porquanto não vemos nem contemplamos as coisas que nos são prometidas, todas elas nos estão escondidas. Porém, quando partirmos deste mundo, vemos que o que esperamos, o que nos estava outrora ocultado será então declarado (Rm 8.23,24; 2 Co 5.7). Vede então como os fiéis, havendo partido deste mundo, desfrutando de alegria com Deus, sabendo que são membros de Jesus Cristo, não podem perecer, e sabem disso muito melhor e com um poder maior do que o que tinham durante esta vida presente. Quanto aos réprobos, esses são como pobres condenados que só esperam a hora do suplício e do tormento, pois já estão seguros da condenação. Eis porque é dito que os demônios estão encerrados em prisões escuras, presos como que a correntes até que cheguem a essa confusão final que lhes está preparada na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo (2 Pd 2.4; Jd 6). Vede o que as Escrituras nos revelam em brevidade sobre o estado da vida d'além, no aguardo do último dia. Ora, dela se nos fala de maneira parca, posto que somos excessivamente dados aos questionamentos tolos e à curiosidade. E vemos que os homens amam mais inquirir do que se faz no Paraíso do que em conhecer qual é o caminho para se chegar ali. Eis o que Deus nos declara aqui: “Vinde a mim”. Ele nos mostra como podemos chegar lá, e maravilha o não sermos nem quentes nem frios quando se trata de se chegar a ele consoante os meios que ele nos fornece. Entretanto, queremos nos perguntar: E o que será disso? E o que será daquilo? Queremos saber o que Deus, por não querer que o conheçamos agora senão parcialmente (1 Co 13.9), oculta-nos. Vede a razão de as Sagradas Escrituras empregarem tal sobriedade: é para que não cobicemos ser por demais sutis nessas questões frívolas, mas que nos contentemos em conhecer o que nos é útil. Todavia, é bom que fiquemos resolvidos quanto a este ponto, a saber, que na morte não há descanso para todos os homens. É fato que eles, mesmo os maus, como eu disse, serão aliviados das necessidades da vida presente: no entanto, não ficarão sem ser atormentados, sentindo que Deus é seu juiz, do qual não podem esperar clemência alguma, porque conhecem que a sua confusão lhes está totalmente pronta, e que submergirão no inferno. Quando, digo eu, eles forem intimados e provados serem culpados, essa será uma angústia que ultrapassará todas as tribulações e tormentos do mundo. Convém-nos conhecer isso para que, vivendo cá embaixo, oremos a Deus para que ele nos conduza por seu Espírito Santo, de modo que nada cobicemos de ilícito, esperando sempre que ele cumpra sua promessa de nos congregar a todos em seu reino celestial. Isso é o que temos que reter.

Quanto ao resto, ainda que as proposições de Jó sejam errôneas, como eu já vos disse, podemos colher dela alguma boa e proveitosa doutrina. Qual? Quando ele diz que *os Reis e os Príncipes constroem nos lugares desertos*, mostra a ambição tola que existe nos mundanos e nos que obtém renome aqui. Quando os homens concebem, executam e deliberam edificar casas e palácios, sabemos que há sempre excesso. Quando procedem nisso segundo a ordem da natureza, dizendo: “Bem, Deus quer que moremos aqui embaixo”, e baseados nisso, conforme sua capacidade, constroem casas para nelas residir, serão bem-sucedidos nisso. Porém, os que querem se engrandecer no mundo não se contentam com tal coisa, mas querem gravar para a eternidade

seus nomes em seus palácios e castelos, querem que sejam vistos de longe. “Quem erigiu esse local?” “Foi o Príncipe tal.” Essa, pois, é a ambição que excede a ordem da natureza. E é isso que Jó quis dizer. Como se declarasse que os homens que vivem sobre a terra têm tanta solicitude que essa lhes aferroa, de maneira que se afligem, e não precisa que se lhes induza de outra parte, porquanto estão tocados pela própria cupidez deles, de tal modo que pelejam contra a natureza. Porque quem edifica em lugares desertos faz construções incríveis, de tal forma que, quando alguém vê essas em determinado local, fica maravilhado: “Como é possível construir no lugar tal?” Pois, se uma localização fosse adequada e cômoda e se visse ali alguma bela construção, bem, isso não ficaria tão estranho, seria indiferente, no modo de dizer. Mas, caso se veja um lugar que seja como que inacessível, e se resolva dizer que fará dele um lugar estimável, então eis que se constrói num deserto, eis que se torna como que um mundo novo. Tal gente pretende quase que irritar a Deus, pois querem reformar o mundo e a ordem que esse estabeleceu, querem mostrar que nada os impede. E, apesar de Deus haver colocado barreiras na frente deles, dizendo: “Não a ultrapassem”, eles saltam por cima. Essa é a ambição que existe em muitos, e isso é o que Jó quis observar aqui. Desse modo, como eu disse, suas palavras são bem insensatas: mas, seja como for, pode-se ainda apanhar alguma boa doutrina delas.

Igualmente, quando ele acrescenta que *o servo é alforriado de seu amo, que o pobre e o rico serão todos um*, é para nos revelar que os homens não podem se gloriar em sua atual grandeza, tal como São Paulo ao falar dos principados, e deles fala como Davi. Porque vede o que este disse no Salmo 82.6, “sois deuses”: ou seja, os príncipes e os que estão em dignidade são lugares-tenentes de Deus, tendo preeminência sobre o restante do mundo, como se aquele os houvesse privilegiado. Mas, e daí? Advirto-vos que sois homens mortais, e que morrerão como homens. Eis como os que são guindados à alta posição não devem ficar com seus olhos ofuscados, mas têm que reconhecer que a sua condição é frágil, que o mundo passa com a sua figura (1 Co 7.31), e que as riquezas, autoridade e honra deles nada são. Então, que eles não se embriaguem, mas sempre pensem na morte. Que os que forem servos e súditos considerem que terão que vir prestar contas, que temos no céu um senhor comum a todos, segundo fala São Paulo (Ef 6.9): lá não há acepção de pessoas, não mais haverá servidão nem senhorio que se possa apresentar a Deus. É verdade que a polícia terrena, bem como a dignidade dos Magistrados, está ordenada por Deus. Porém, tudo isso diz respeito ao mundo, e o mundo terá fim; sendo assim, tais coisas também devem ser transitórias. Estejamos atentos, pois, para nos mantermos em humildade e modéstia, nada empreendendo que não o que nos é permitido por Deus. Agora, voltemos ao assunto que começamos, a saber, que as asserções de Jó não deixam de ser exageradas e excessivas, sem critério algum, e que, caso se aquiescesse a elas, isso teria sido horrível blasfêmia. Porém, isso se dava porque, visto como ele não possuía em si força tal para se auto-dominar, cometeu muitas falhas más, tal como os homens em combate que sentem que há sempre fraqueza em sua carne. De fato, vemos aqui como Jó fala das criancinhas. Porque, quando ele diz *um abortivo* é como se quisesse mostrar que, quando Deus põe uma criatura humana no ventre materno, essa não tem alma. Ao revés: sabemos que, quando a criatura é concebida no útero da mãe, Deus lhe infunde uma alma, decerto que essa é uma semente de vida. Destarte, Jó demonstra bem que é de maneira estouvada que pensa nas obras divinas, não julgando retamente para discernir entre o preto e o branco, mas está confuso. E de onde procede isso? Como eu disse, da violência de suas paixões. Essas são como tempestade ou tormenta, fazendo com que Jó fique surdo e cego. Algumas vezes, quando troveja e o ar é tão fortemente agitado que não se consegue ouvir nada, ficamos como que grandemente perturbados em todo o nosso espírito, em seguida, somos tomados pelo pavor. Quando vemos os relâmpagos, ouvimos os trovões, quando há algum granizo impetuoso, parece que devemos perecer, ficamos como que recolhidos em nosso íntimo, de tal forma que não ousamos sair de nós mesmos: assim se dava com Jó. Saibamos portanto dessas coisas, e retenhamos ainda a doutrina em que já tocamos. Verdadeiramente, devemos reparar aqui em duas coisas: pois temos dois extremos dos quais precisamos nos guardar. Cuidam alguns que não existe paciência senão a que torna o homem de todo tranqüilo; outros, se ouvem falar que alguém se agasta contra Deus e a esse resiste, não deixa de ser paciente, desde que no fim se desgoste de seu erro e se arrependa dele. Os que soltam as

rédeas e se permitem muitos pecados, sim, e que se supõem ser pacientes quando aborrecem a Deus por meio disso, ficam privados da graça divina. Devemos, pois, guardarmo-nos desses dois extremos. Assim, observemos que, se somos pacientes para nos sujeitarmos à boa vontade de Deus, isso não se dá sem que tenhamos mágoa nenhuma, sem que por vezes fiquemos por demais aborrecidos, sem que sintamos as vagas que nos vêm golpear de tal modo que ficamos como que desesperados. Por conseguinte, quando estivermos em tais pelejas, não nos descorçoemos, mas invoquemos a Deus: não obstante sermos sempre cômnicos do quão culpados somos diante dele, roguemo-lhe que nos fortaleça pela virtude de seu Espírito Santo para que possamos resistir a tais combates, nos quais poderíamos ficar sucumbidos ao primeiro golpe caso não fôssemos por ele sustentados. Eis, digo, como devemos agir para que, quando Deus nos tiver dado alguma força e virtude para que resistamos às tentações, ele a aumente em nós até que tenhamos chegado ao término de todas as nossas lutas.

Agora nós nos prostraremos diante da face de nosso bom Deus...

Tradução de Vanderson Moura da Silva.